



FALA, ASSOCIADA(O)

O texto abaixo é o vencedor do concurso Fenae de melhor crônica, em 2007. De autoria do empregado da Caixa, Athon Ronaldo Miralha da Cunha, do PV Santa Maria, Rio Grande do Sul.

As abotoaduras do Conde

No dia em que a Caixa comemorava os 145 anos, a temperatura ambiente estava insuportável e o ar-condicionado da agência funcionava precariamente. Dona Alzira se aproxima do guichê, lentamente, pois os anos eram antigos para ela. Sorriu e sentouse. Dona Alzira tinha as mãos trêmulas em virtude do Mal de Parkinson. Mas não se incomodava com seu infortúnio, inclusive, brincava com sua doença.

- Sabe moço, ontem eu vi na televisão que a Caixa está fazendo 145 anos. Acho que aqui no penhor só a Caixa é mais velha do que eu. Nessa festa de aniversário eu toco pandeiro. E levantou, sorrindo, sua trêmula mão.

- Mas Dona Alzira a senhora está bem...

- Enrugadinho filho, bem enrugadinho e mais pra lá do pra cá.

Revirou a bolsa em busca das jóias a serem penhoradas. O seu ventilador portátil fazia muito barulho e pouco vento. O suor corria-lhe pelo rosto.

- Comprei essa "josca" nos camelôs, comentou, contemplando o insuficiente ventilador que portava. E continuou: - bolsa de mulher, o senhor sabe como é... finalmente! Moço, eu preciso levar R\$ 700,00. Tenho que pagar a matrícula da minha neta na faculdade. Ela cursa Medicina, vai ser médica de louco. Aliás, uma loucura é o que se gasta! A gente deveria viver 145 anos para pagar todas as contas - sorriu, novamente, com o seu espirituoso trocadilho.

- A senhora vai precisar de um pouco mais de peso. Aproximadamente 35g de ouro.

- Então, vão-se as abotoaduras do Conde.

- Abotoaduras do Conde? - surpreendo-me com tamanha raridade no penhor. Não era todo dia que avaliávamos jóias oriundas da monarquia brasileira.

- Sim, possuo essas jóias há muito tempo, são bens de família. Essas coroas gravadas nas abotoaduras combinam com as coroas gravadas no anel e nos brincos da Condessa. São muito lindas. Vou contar-lhe a história. Pausadamente continuou: - O meu marido era bisneto do Conde e essas jóias vieram passando, de geração em geração, desde os tempos do Império e acabaram em minhas mãos... e nos penhores da Caixa. Ah! Se o Conde soubesse! Deve estar se revirando...

- E os brincos da Condessa? Eles não estão aqui. - indagou.

- Bem, o Conde e a Condessa não tiveram filhas, somente filhos.

Por casualidade do destino os brincos estão comigo e bem guardados lá em casa, como também não tenho filhas, certamente, acabarão nos penhores da Caixa, soltou uma gostosa gargalhada e complementou: E continuarão nos penhores por mais 145 anos.

Com a maior calma do mundo Dona Alzira prosseguiu com o relato familiar, a fila no recinto do penhor aumentava e impacientava alguns mutuários. Enquanto eu testava as abotoaduras do Conde, uma esbelta e formosa loira cruza as roliças e douradas pernas no banco em frente ao meu guichê e, por alguns segundos, me desconcentra.

- Existe um quadro do dito cujo no departamento de Biologia da Universidade. Eu que coloquei na parede, complementou.

Dona Alzira contou que o Conde não era biólogo e quando trabalhava na Universidade era professora do Departamento de Biologia.

Dava aulas na disciplina de fitologia. O quadro estava jogado em um canto do laboratório, como era uma moldura bonita e uma pintura antiga, resolveu colocar no hall do Centro. O quadro do Conde estava no prédio porque o Conde era bisavô do seu marido e o seu amado sogro era muito amigo de um antigo diretor do Centro de Ciências Naturais.

- Filho, eu trabalhei uma vida inteira naquele prédio com o Conde olhando e fiscalizando o vaivém dos alunos e professores. Não gostava daquele olhar penetrante da pintura e daquela pose de almofadinha. Tinha uma costeleta que o Menem copiou e uma calvície igual a do Kojak. Você lembra do Kojak? O detetive? Ninguém mais lembra do Kojak. Sabe, o quadro do Conde não está mais lá. O senhor não imagina o que funciona, hoje, próximo do local onde estava o almofadinha.

- Não faço a menor idéia.

- O posto de atendimento da Caixa Econômica Federal. E se botarem um penhor lá eu penho as jóias do Conde.

Sorriu longamente e levantou a mão trêmula. Fez um sinal de resignação com a cabeça e baixou o braço.

- Moço, vai demorar muito? Que droga de ventilador!

CURSOS E OFICINAS

Para escrever, dançar e cantar

APCEF e SindBancários proporcionam atividades culturais o ano inteiro.

A excelente procura pela iniciativa literária fez com que a APCEF e o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (SindBancários) ampliassem para 18 as 15 vagas iniciais disponíveis para a Oficina de Criação de Romance Histórico. Ministrada pelo historiador, professor e escritor gaúcho Alcy Cheuiche, as aulas iniciaram oficialmente no dia 3 de abril e serão sempre às quintas-feiras, às 18 horas, no SindBancários.

A abertura dos trabalhos foi emocionante com a apresentação do filme "Alcy Cheuiche: Romancista da Nossa História", um documentário que conta um pouco da vida e da obra do escritor.

Elaborada com a finalidade de fomentar a cultura, despertar o interesse pela literatura de qualidade e oportunizar o aprendizado da pesquisa e da construção do romance histórico, a oficina encerra em novembro. Os participantes terão a possibilidade de aprimorar seus conhecimentos culturais e desenvolver a prática da pesquisa histórica. A iniciativa também quer homenagear os 75 anos de criação do Sindicato dos Bancários, comemorados este ano.

A oficina pretende resgatar em livro a história do movimento sindi-

Josiane Picada



cal bancário no Estado, no período de 1933 a 2008. O romance histórico dos bancários será lançado na Feira do Livro de 2008.

CANTAR

Mas não é somente a literatura que atrai bancários e associados, as aulas de canto com o fonoadiôlogo, músico e ator Nilo Motta também movimentam a categoria. A Oficina de Canto acontece todas às terças-feiras, das 19h15min às 21h45min, no Centro Cultural Cia de Arte, em Porto Alegre. Sua duração é de três meses e prevê o

término com apresentação, ao público, de músicas cantadas individualmente ou em grupo pelo participante da Oficina.

DANÇAR

Outra atração é o curso de dança de salão promovido pelo Núcleo de Cultura Gaúcha, sempre às terças-feiras, às 20h, no galpão crioulo da APCEF, em Porto Alegre. As aulas são ministradas pela equipe de Fernando Campani e as inscrições continuam abertas. Mais informações no setor de eventos da Associação.

EU FAÇO CULTURA

O peso da batucada

Nem mesmo a forte chuva que caiu no final da tarde do dia 27 de março em Porto Alegre demoveu o grupo de alunos inscritos nas oficinas de Música e de Produção Musical em Computadores, promovidas pelo projeto da Fenae, Eu Faço Cultura. Uma iniciativa da Federação, cuja fonte inicial de recursos é o Movimento Cultural do Pessoal da Caixa.

As aulas gratuitas de música e produção musical, ministradas nos dias 26 e 27, à noite, no Centro Cultural Cia de Arte, contaram com 24 inscritos. Os alunos aprenderam e aprimoraram técnicas e ritmos com percussionistas, Djs e produtores musicais de Brasília, enviados pelo projeto.

No terceiro andar da Cia de Arte, João Vicente Costa, o DJ e produtor musical JVC, explicava como compor música em computador, desde a pré-produção, gravação, composição, mixagem, até a masterização da música eletrônica, na Oficina de Produção Musical em Computadores. Um curso, que segundo JVC, é dedi-

Josiane Picada



reco-recos, agogôs e pandeiros. "A iniciativa é ótima, principalmente para quem já teve uma base. Dá para aprender uma pegada diferente, um toque novo", disse a aluna de agogô, Fabiane Werhli, 33 anos, formada em

Administração de Empresas. Fabiana também é aluna do curso de Capoeira Angola, na Cia de Arte. "Sempre me interessei por música, mas o que me levou a ter mais interesse ainda foi o curso de capoeira", ressaltou.

Anualmente, empregados da Caixa destinam à cultura parte do Imposto de Renda devido. Este ano, o Eu Faço Cultura promove oficinas de música em quase todas as capitais do país. As aulas sempre encerram com um grande show. Na capital gaúcha, o show de encerramento foi com a cantora carioca Danni Carlos, dia 28 de março.

Já no andar de cima, os alunos da Oficina de Música, conduzida pelo percussionista e DJ do grupo músico-visual Patubatê, Luiz Renato Vieira, aprendiam a tirar diferentes ritmos em birimbaus, atabaques,